As máscaras do silêncio e o regime sexista de distribuição da palavra

Flávia Péret

Esta pesquisa surge a partir de um problema que é ao mesmo tempo teórico e político, mas essencialmente pessoal. O controle da voz e o controle da fala das mulheres. Grada Kilomba denomina esse sistema de *regime brutal de silenciamento*, resultado de *políticas sádicas de conquista e dominação* (KILOMBA, 2020, p. 33). Esse regime de distribuição ao longo da história definiu quais vozes tinham valor e quem tinha direito à fala. A história das mulheres pode ser lida como uma incansável luta pelo direito à fala o que implica também, principalmente, em ser escutada, ou seja, em termos nossas palavras e pensamentos levados em, igualmente, em consideração. Como iremos ver, o *regime sexista de distribuição da palavra* é muito mais um regime de *permissão* do que de *distribuição*. Tal regime não atingiu apenas as mulheres, mas quando nos atingiu, nos atingiu de forma intensa e bastante desigual, o que mostra que ele é um sistema de estratificação complexo, atravessado não apenas por questões de gênero, mas de raça e de classe simultaneamente.

Entendo o *regime sexista de distribuição da palavra* como um subproduto do sistema patriarcal, do sistema colonial-racista, do sistema capitalista e também do sistema da heterocisnormatividade. O que sabemos é que esse regime opera de forma brutal há bastante tempo. As quatro histórias que relatarei a seguir são um pequeno mapeamento de algumas estratégias e dispositivos de controle da voz e da fala das mulheres que foram desenvolvidos ao longo dos últimos três mil anos. O trabalho de escavar essas histórias de violência já está sendo feito por milhares de mulheres, em todas as partes do mundo, e a partir de diferentes modos, como, por exemplo, a literatura e a Poesia Falada. Este é um trabalho lento, doloroso, difícil, mas que tem nos mostrado como uma série de relações de opressão e de objetivação da mulher foram construídas ao longo da história.

Máscaras de tortura ou O projeto colonial de supressão brutal da voz

Em 1817 chega ao Brasil um jovem pintor francês. Um homem branco, cujo nome era Jacques Arago. Ele estava participando de uma “expedição científica” pelo país. Durante dois meses realizou uma série de desenhos. O mais famoso deles é a *Escrava Anastácia*. Nesta imagem, amplamente divulgada, podemos ver uma mulher negra, de cabelos curtos, olhando para frente. A mulher tem um objeto preso ao rosto que recebe o nome de máscara facial. Não sabemos ao certo quem foi Anastácia. Existem diferentes versões para sua história. Quem nos conta sobre ela é a multiartista negra Grada Kilomba (Portugal) no seu livro *Memórias da Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano*.

Anastácia pode ter nascido em Angola. Trazida à força para o Brasil, foi escravizada por uma família portuguesa. Outras pessoas contam que antes de ter sido sequestrada, Anastácia era uma princesa de origem Nagô/Yorubá. No entanto, seu nome africano é desconhecido. Anastácia não possui uma *história oficial*. Desconhecemos as circunstâncias em que a pintura foi realizada, mas compreendemos, a partir da escrita de Grada Kilomba, os efeitos que imagens como essa têm de reativar violências e simbologias que persistem até os dias atuais.

Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, um em torno do queixo e outra em torno do nariz e da testa (KILOMBA, 2019, p. 33).

Esse objeto de tortura era usado pelos colonizadores, os senhores brancos, para impedir que as pessoas escravizadas comessem cana-de-açúcar ou cacau. Mas para Grada Kilomba, a principal função das máscaras era implementar, por meio da violência e do medo, o silenciamento das vozes e das falas das pessoas negras. A máscara, portanto, levanta muitas questões: por que deve a boca do *sujeito negro* ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o *sujeito branco* teria de ouvir? (KILOMBA, 2019, p. 41).

A *máscara do silenciamento* é uma evidência dos limites intoleráveis que o homem branco ultrapassou para impor seu projeto colonial. Assim como o *sistema sexo/gênero*, o sistema colonial também opera por meio de *regimes sexistas de distribuição da palavra* como forma de controlar e oprimir fala e voz.

As mulheres só se juntam para fofocar

Já na Inglaterra da Idade Média, em 1547, foi decretada uma Lei que proibia as mulheres de se encontrarem para conversar. As mulheres (amigas, vizinhas, parentes) eram acusadas de tagarelar (conversa fútil, superficial, falar por falar). Nesse contexto de controle da fala, foi necessário subverter o conceito de uma palavra que conhecemos bem: a fofoca. Na língua inglesa, originalmente, a palavra *gossip* não significava fofoca (boato, rumor, maledicência), mas denominava uma prática social entre mulheres. Fazer *gossip* significava reunir-se, encontra-se com as amigas, conversar, praticar algum tipo de comunidade.

Quem nos conta essa história é a feminista branca e historiadora Silvia Federici (Itália) no livro *Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos dias atuais*.

Hoje, “gossip” [no sentido de fofoca] designa a conversa informal, geralmente danosa às pessoas que servem de assunto. É, na maioria das vezes, uma conversa que extrai sua satisfação da depreciação de outros; é a disseminação de informações não destinadas à audiência pública, mas capazes de arruinar reputações, e é, inequivocamente, uma “conversa de mulheres” (FEDERICI, 2018, p. 83).

Federici explica que classificar como fofoca a fala das mulheres é uma forma de diminuir o alcance e a força de saberes construídos, sobretudo, por meio da oralidade. Além de ser, também, uma estratégia de silenciamento e de deslegitimação da fala das mulheres. Ela nos lembra que em muitas culturas e sociedades, as mulheres são consideradas *tecelãs da memória*, responsáveis por não deixar morrer as histórias de uma comunidade e de transmiti-las às novas gerações. Rotular toda essa produção de conhecimento como “fofoca” é parte da degradação das mulheres – é uma continuação da construção, por demonólogos, da mulher estereotipada com tendência à maldade, invejosa da riqueza e do poder de outras pessoas e pronta para escutar o diabo. É dessa forma que as mulheres têm sido silenciadas e até hoje excluídas de muitos lugares onde são tomadas decisões, privadas da possibilidade de determinar a própria experiência e forçadas a encarar os retratos misóginos ou idealizados que os homens fazem dela (FEDERICI, 2018, p. 84).

É importante lembrar que as mulheres inglesas do século XV e XVI ainda não tinham acesso à educação formal. Não podiam ler e muito menos escrever livros. A única coisa que elas podiam fazer era conversar. Ou melhor, não podiam.

Ninguém escuta às mulheres ou Mas temos alguma coisa para aprender com elas?

No texto “Mulheres-cabaças”, Creuza Prumkwyj Krahô, pesquisadora indígena (Brasil) que realizou mestrado sobre seu povo, os Krahô, de Aldeia Nova, no Tocantins narra sua observação de que sempre que antropólogos (tanto homens quanto mulheres) chegavam à aldeia para pesquisar os costumes dos Krahô, eles nunca se interessavam pelas falas das mulheres da tribo. Ela conta que historicamente, no contato dos homens brancos antropólogos com a tribo, as mulheres jamais eram consultadas e/ou escutadas, mesmo sendo as mulheres, na cultura do povo Krahô, importantes guardiãs da cultura. Por isso, elas são denominadas de *mulheres-cabaças*.

As mulheres sabem muitas coisas, passam o dia inteiro fazendo enfeite para os caçadores, porque eles não podem andar sem enfeite. Se andarem sem enfeite, não matam nada. Aprendemos assim: sabemos fazer desenho no corpo, pintar, cortar o cabelo do jeito Krahô... Só quem corta o cabelo das pessoas é a mulher mais velha que não menstrua mais, uma mulher nova não pode cortar o cabelo de ninguém. A gente tem que participar só olhando mesmo, olhando muito como corta, como arranca, porque o cabelo é arrancado um por um. Mas, mesmo assim, os homens são os mensageiros para levar as mensagens do trabalho das mulheres para os antropólogos e devolver de novo para as mulheres (KRAHÔ, 2017, p. 110).

Segundo os depoimentos que Creuza Krahô coletou ao longo da pesquisa, as mulheres-cabaças foram as primeiras pessoas que aprenderam com o Sol, nosso herói criador, sobre os resguardos e assim, este saber foi sendo repassado (KRAHÔ, 2017, p. 110) Os resguardos são saberes e habilidades transmitidos oralmente, mantidos vivos ao longo dos séculos, é a sabedoria das mulheres, no uso que fazem das plantas, cascas e raízes da floresta, para cuidar do corpo, da memória, trançar um enfeite, cortar os cabelos. O resguardo da memória também faz a pessoa se tornar cantor e cantora, e isto deve começar quando ela ainda é pequena, continuando até a morte (KRAHÔ, 2017, p. 110).

A pesquisadora conta que nem todas as pessoas serão cantores ou cantoras, mas que essa espécie de vocação se manifesta por volta dos nove anos. As mulheres cantoras guardam uma semente na cabeça, que veio das mulheres-cabaças. Essa semente é como um computador que guarda a memória. Para essa memória ser guardada e limpa, essas mulheres devem usar o sereno, usar vários tipos de plantas medicinais, remédios do cerrado, e devem tomar banho no rio pelas manhãs. Há músicas do dia, da noite, da meia-noite, da madrugada. Para gravar tudo isso, essa mulher deve fazer um resguardo rígido que transforme seu corpo para ter a semente. Deve usar também um remédio para enxergar bem, para ver a noite e não sentir dor. Elas seguem um resguardo rígido, só podem fazer sexo durante o dia, não durante a noite. Ao longo da noite, elas cantam muito (KRAHÔ, 2017, p. 110).

Mais uma vez, o canto – expressão que transcende a fala comum ao subverter os usos instrumentais da voz – é entendida para algumas culturas e povos como uma manifestação de um poder que não é apenas humano, mais co-extensivo à natureza e aos mundos invisíveis.

Essas histórias que acabei de contar – a anedota de Plutarco, a proibição da conversa entre mulheres na Inglaterra, o uso da máscara facial no sistema colonial-escravagista e o desinteresse dos antropólogos brancos pelo conhecimento e pela falas das mulheres indígenas – são episódios de violência contra as mulheres. Impedir uma mulher de falar é um ato

violento. Não escutar o que as mulheres falam também é. Essas violências não são apenas simbólicas. Particularmente, tenho bastante dificuldade de entender esse termo “violência simbólica”. Práticas como essas continuam acontecendo e se atualizam diariamente no contexto brasileiro. Débora Diniz, Dilma Rousseff, Marielle Franco foram algumas das mulheres que, na história recente do Brasil, tiveram suas falas e suas vozes atacadas, ridicularizadas, perseguidas, desqualificadas e, até mesmo, exterminadas.